

# Mais além de tua pele: a identidade contemporânea

Lúcia Grigoletti<sup>1</sup>  
PPGL | UCPel

**Resumo:** O presente trabalho objetiva refletir sobre a identidade do sujeito contemporâneo na representação de seu eu mais primitivo, anterior à palavra, o Eu-corpo. Sendo dado à pele um lugar e atenção especial, como expressão da identidade pós-moderna. Considerando o artista um porta-voz de uma época e lugar e, a arte uma expressão presente e antecipatória de sentimentos, percepções e conflitos da ordem do inconsciente social, a autora realiza um ensaio sobre a relação entre duas obras da década de 70, mas com grande repercussão na contemporaneidade: a “Arte anatômica”, do médico e escultor, alemão, Von Hagens e o “Eu-pele”, na palavra do psicanalista francês, Anzieu. O primeiro, denominou *Más allá de tu piel* sua Exposição na Espanha, entre tantas realizadas no mundo, inclusive no Brasil, nos últimos tempos. O segundo escreveu dois artigos *Le moi-peau* e *La peau: du plaisir à la pensée*, anterior a sua obra Eu-pele. Cabe questionar: Por que ambos escolheram a pele, o maior órgão do corpo humano, para suas inspirações? Qual a relação entre a pele e a identidade contemporânea? Numa tentativa lúdica de ir e vir entre as obras, a autora tece suas ideias pautada em referenciais psicanalíticos, sociológicos e linguísticos.

**Palavras-chave:** pele psíquica; identidade; contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Católica de Pelotas. Doutora em Letras: Linguística Aplicada pela mesma Instituição.

**Title:** Far beyond your skin: the contemporary identity

**Abstract:** The present work aims at reflecting on the contemporary subject's identity in the representation of his or her most primitive inner self, before the word, the Me-body. The skin gains a special place and attention, as the expression of the post-modern identity. Considering the artist the spokesperson of a time and a place and the art as a present and anticipating expression of feelings, that is, perceptions and conflicts of the social unconsciousness, the author carries out a study about the relation between two works from the 70's, although with a great repercussion in contemporary time: "Anatomical art", by the German physician and sculptor Von Hagens, and "Me-skin", in the words of the French psychoanalyst, Anzieu. The former nominated his Exhibition in Spain, among so many other exhibitions around the world, including Brazil, Másallá de tupiel. The later wrote two papers *Le moi-peau* and *La peau: du plaisir à la pensée*, before his work *Me-skin*. It is reasonable to raise some questions: Why both of them chose the skin, the largest organ of the human body for their inspirations? What is the relation between the skin and the contemporary identity? In a ludic attempt to come and go through both works, the author comments her ideas guided by psycho, social, and linguistic references.

**Keywords:** psycho skin; identity; contemporary.

No exercício de uma arte vê-se uma atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados, em primeiro lugar do artista e, subsequentemente, de sua assistência ou espectadores... Portanto, libertar pessoas que sofram dos mesmos desejos que o artista, é oferecer-lhes a mesma libertação (FREUD, 1913/1970<sup>3</sup>, p.222).

O presente trabalho objetiva refletir sobre a expressão da identidade do ser contemporâneo na representação de seu eu mais primitivo, anterior à palavra, o Eu-corpo. Sendo dado à pele um lugar e atenção especial, como expressão da identidade pós-moderna.

No XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise em 2013, *Ser Contemporâneo: medo e paixão* realizei um comunicado sobre a expressão do ser contemporâneo nas reedições<sup>2</sup>. Para tal utilizei algumas imagens do trabalho de Von Hagens, como *O Pensador* e *o Homem do Cavalo*. Nesta época enquanto apresentava o trabalho pautado no referencial psicanalítico *Eu-Pele* de Anzieu, a exposição internacional *Human Bodies* ocorria na mesma cidade do congresso, Campo Grande. Coincidentemente, naquele mesmo ano, quando volto a apresentar em Pelotas na Sociedade Psicanalítica de Pelotas, a exposição ocorria em POA.

Entretanto, a relevância do tema pele psíquica no início do desenvolvimento humano me acompanha desde 2010, no curso sobre a Psicossomática dos Bebês: distúrbios de pele. Outros trabalhos foram sendo apresentado sobre esse foco no decorrer destes sete anos<sup>3</sup>.

O lugar da pele, enquanto invólucro, proteção e também fronteira permeável para fins de ligação e comunicação entre mundo externo-interno foi fortalecida no doutorado em Linguística Aplicada/UCPEL (2009) e, no momento, no Grupo de Estudos em linguagens: fronteiras, identidades e cultura (GELFIC).

No presente trabalho, considerando o artista um representante de uma época e lugar, realizo um ensaio sobre a relação entre a “Arte anatômica”, denominada pelo escultor alemão, Von Hagens e o “Eu-pele”, na palavra do psicanalista francês, Anzieu, como expressões que se complementam denunciando a identidade na Pós-modernidade.

Importante destacar que Anzieu e Von Hagens criaram suas obras na mesma década, 70. O primeiro autor iniciou com dois artigos *Le moi-peau* e *La peau: du plaisir à la pensée* e o segundo denominou *Más allá de tu piel* sua Exposição na Espanha, entre tantas realizadas pelo mundo.

---

<sup>2</sup> *Más allá de tu piel*.

<sup>3</sup> A função da pele psíquica na contemporaneidade, 2011, Sociedade Científica Sigmund Freud; As reedições na Pós-Modernidade, Sociedade Psicanalítica de Pelotas, 2012; Mulher: como esta teu eu pele?, 2013, Sociedade Científica Sigmund Freud; A pele psíquica e o olhar, Universidade do Bebê Sul, 2016.

Portanto, ambos desenvolveram suas criações no período de crise da Modernidade.

Para a psicanálise (FREUD, 1913/1970b) a inspiração vem da ordem do inconsciente, podendo ser expressão de sentimentos, temores e percepções antecipatórios de uma mente social.

Cabendo questionar: Por que os autores escolheram, a pele, o maior órgão do corpo humano, para suas inspirações? Que temores e percepções antecipatórias existem por trás da pele que nos envolve?

Inicialmente, abordo o escultor de corpos, apresentando dados de seu trabalho, incluindo imagens que entendo falarem, mais rapidamente, sobre meu foco. Posteriormente, teço considerações sobre o lugar do corpo, mais especificamente, das funções da pele para o psicanalista Anzieu seguido de uma breve contextualização da pós-modernidade. Por final apresento a conclusão, o que na minha visão estas obras expressam da identidade do sujeito contemporâneo.

## **O escultor de corpos**

Em junho/2012 na Sociedade Psicanalítica de Pelotas (RS) me foi apresentado *Gunther Von Hagens*, com maior profundidade, pela professora do IFSUL, Cíntia Farina, numa mesa que compartilhamos sobre *Reedições na Pós-modernidade*. Embora já conhecesse o trabalho do artista, pelas notícias polêmicas, principalmente, referente a ética e a moral, foi nesse momento que estabeleci laços mais estreitos entre sua obra e o que eu própria vinha escrevendo e desenvolvendo sobre a pele psíquica.

As informações a seguir foram obtidas na palestra de Farina (2012); na exposição que pude visitar em 2013 na cidade de Campo Grande /MG; no livreto de Schutze (2013) que tive acesso na referida exposição; e no artigo de Rebollo (2003) pesquisadora do Projeto Temático "Estudos de filosofia e história da ciência" da FAPESP, pós-doutoranda do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Nos anos 70 o médico alemão Gunther Von Hagens, cria a técnica de plastinação. Doutor em medicina pelo Departamento de Anestésicos e Medicina de Emergência da Universidade de Heidelberg teve sua fama ligada a técnica de plastinização, desenvolvida em 1978, quando trabalhava no Instituto de Anatomia e Patologia da Universidade de Heidelberg. Desde 1996 é professor visitante da Escola de Medicina de Dalian, na China e diretor do Centro de Plastinização da Academia Médica Estadual de Bishkek, na República do Quirguistão. Autor de várias publicações, Von Hagens possui também empresa sediada em Heidelberg, a BIODUR™, que comercializa os equipamentos e os polímeros utilizados na técnica de plastinação e também um Instituto onde põe em prática o trabalho de conservação e fixação das peças anatômicas. O referido médico e professor universitário de Heidelberg aperfeiçoou a técnica até o estágio que batiza de "arte anatômica" sendo convidado por várias universidades do mundo para ministrar aulas e cursos.

A técnica desenvolvida e patenteada por ele é inovadora por conseguir evitar através da plastinação que o corpo humano ou animal, pós-morte, continue em decomposição. O processo envolve a retirada de toda água e gordura do corpo, substituindo por polímeros plásticos. Dessa forma os espécimes podem ser tocados, não emitindo odores, não se decompondo e retendo a maioria das suas propriedades originais.

Respeitado no mundo médico por sua invenção, Von Hagens resolveu ir além, fez com o corpo de pessoas mortas, o que um escultor faz com argila ou pedra, criou obras como: o Corpo Expandido (um esqueleto colocado de forma que as pessoas possam olhar dentro da espinha dorsal como se fosse um telescópio virado de cima para baixo); a Figura com Pele (escultura de um corpo inteiro, com ossos, músculos, vísceras e órgãos e a pele pendurada no braço, como um casaco); No Corredor (músculos fatiados em lâminas que se afastam dos ossos). Em uma gestante, a barriga aberta mostra o feto de cinco meses acompanhado por uma fileira de corpos de crianças, que segundo Hagens, foram obtidas em hospitais e escolas de medicina.

Portanto, o trabalho não se limita a apenas plastinar corpos humanos e de animais. Com as esculturas é possível reconhecer músculos, órgãos e ossos tanto numa posição normal como também em determinados “movimentos” como quando praticando esporte, além de recortes transversais dos órgãos.

Para Von Hagens, as figuras são como pontes que levam as pessoas a conhecer melhor seu corpo e a ter uma ideia mais clara de sua humanidade. Sua função educativa é reconhecida e elogiada por permitir que estudantes de anatomia examinem todos os órgãos com muito maior precisão e integridade.

Entretanto, embora respeitado no mundo médico por sua invenção, as exposições nos diferentes cantos do mundo tem desencadeado uma ruidosa polêmica sobre os limites da arte e da ciência. De uma maneira geral, é sucesso para o público em geral e motivo de inquietação para os que se ocupam das questões éticas e científicas e que não poupam críticas ao caráter sensacionalista do evento.

As sensações despertadas vão do fascínio a perplexidade. Lideranças religiosas consideraram-na um atentado à dignidade da pessoa. "Quem molda corpos humanos em supostas obras de arte não respeita a importância da morte". O trabalho também não é bem-visto entre alguns médicos como Junqueira, professor de Medicina da USP: "Não ficaria à vontade vendo uma pessoa exposta daquele jeito", explica com a ressalva de que não conhece o caso de perto; já Saad Hosny, presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, dá valor ao argumento: "Em princípio, qualquer manifestação que favoreça o conhecimento é um avanço, e não se deve temer isso".

Resultados da polêmica obra: mais de 8 milhões de pessoas já visitaram suas exposições e 4.500 já estão inscritas como futuros doadores de seus corpos e órgãos. No Instituto de Plastinização de Hagens, em Heidelberg, existe um programa de doação de corpos. Embora ele sustente que todos os corpos foram obtidos legalmente, em 1999, uma revista alemã publicou reportagem que o acusava de ter, no referido Instituto, 56 corpos de indigentes e pacientes siberianos com problemas

mentais. De fato, Hagens possui um contrato com o Instituto de Anatomia da Universidade de Novossibirsk, autorizando-o a recolher os corpos não reconhecidos por parentes de moradores deasilos e instituições assistenciais.

Vinte e cinco corpos e mais de 175 órgãos oferecem a seus visitantes um verdadeiro *tour* pelo interior do corpo do humano. *Körperwelten* ou *Body Worlds* são exposições de arte onde as peças podem até ser compradas, mas somente por instituições de medicina.

O título *Más allá de tu piel* da exposição na Espanha, foi minha inspiração em 2013 para as reedições na Pós-modernidade, por muito se adaptar a interpretação que focalizava no momento. Considerei a voz de Von Hagens, se entrecruzando com a voz da sociedade, respectivamente, eixo vertical e horizontal. Portanto, ele sendo o porta voz do inconsciente grupal e sua obra o emergente de uma sociedade (RIVIÉRE, 1998)<sup>4</sup>.

O que me reporta a epígrafe do atual trabalho:

No exercício de uma arte vê-se uma atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados... Portanto, libertar pessoas que sofram dos mesmos desejos que o artista, é oferecer-lhes a mesma libertação (FREUD, 1913/1970a).

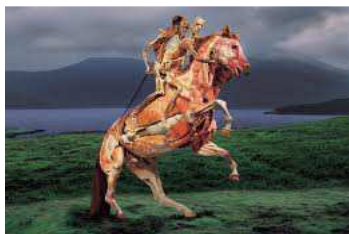
A seguir algumas imagens de Von Hagues. Início pela Figura com pele (a), fonte de inspiração para o título *Mais além de tua pele*, em 2013, quando foram destacadas as imagens *O Homem do Cavalo* (b) e *O pensador* (c). No presente trabalho, *Mais além de tua pele: a identidade contemporânea* houve uma reedição com o foco na identidade do sujeito contemplando as imagens em geral, expostas pelo escultor.

---

<sup>4</sup> Porta voz – o indivíduo que enuncia algo é, ao mesmo tempo, porta voz de si mesmo, de sua história (eixo vertical) e das fantasias inconscientes, o emergente do grupo (eixo horizontal) a que pertence.



a



b; c



d; e



f; g





h; i



j; l

a) A Figura com Pele; b) O Homem do Cavalo; c) O Pensador; d; e; f; g) O Corpo de Atletas em Movimento; h; i) Órgãos Corporais; j) Fileira de corpos de fetos e crianças; l) Mulher grávida.

Segundo Rebollo (2003) osite da exposição relata que a Universidade de Kassel, na Alemanha, fez um estudo coordenado por Lantermann, professor do Instituto de Psicologia, sobre a reação do público por, até então, nenhuma exposição suscitar um debate tão acirrado. A pesquisa concluiu, principalmente, que: a maior parte do público europeu considerou a exposição muito boa ou boa; aprovou a apresentação dos corpos e das partes plastinizadas, considerando-as bastante apropriadas para o aprendizado; 83% afirmaram ter obtido um grande conhecimento sobre o corpo humano; 47% disseram que a exposição lhes ensinou sobre a vida e a morte; 80% sentiram profunda reverência pela maravilha dos corpos; 60% saíram da exposição decidida a levar uma vida mais saudável e 33% afirmaram passar a gostar mais do corpo humano do que antes. Entre estes últimos alguns disseram que se empenhariam para deixar de beber álcool e fumar.

O que concluir sobre a obra de Von Hagens? Obra marcada pelo ser humano sem sua pele. Órgãos, vísceras, músculos e ossos em exposição, sadios ou danificados. Além de questões éticas em jogo: corpos e órgãos com autorização de doação legal ou não? O que pensar sobre seu trabalho ser a expressão do homem na Pós-Modernidade? Um sujeito invadido, danificado pelo externo e ao mesmo tempo sem capacidade de preservar o que lhe é interno, seu eu-corpo identitário. Seu organismo ao não reconhecer um corpo estranho, desenvolve doenças autoimunes, assim como o psiquismo ao não diferenciar o self do não self, ataca a si como se fosse um corpo estranho, a serviço da pulsão de morte.

### **O pensador da pele psíquica**

O psicanalista e filósofo francês Anzieu escreveu dois artigos, *Le moi-peau e La peau: du plaisir à la pensée*, 1974, anterior a obra *Eu-pele*, 1984. Outras obras do autor relacionadas ao tema: *Uma pele para os pensamentos*, 1986; *O pensar, do Ego-pele ao Ego pensante*, 1994; *O ego-pele*, 1995; *Criar-Destruir*, 1996; *Os envelopes psíquicos*, 2003; *Psicanálise e limites*, 2007.

Para Anzieu (2000) a pele é como um envelope, um sistema com muitos órgãos dos sentidos, o maior órgão do ser humano. Sem a integridade da maior parte dela não se sobrevive, diferente de outros órgãos. Ela contém, diferencia e conecta os sentidos – espaço interno para pensar conteúdos. Ela diferencia e conecta o externo e o interno.

A pele tem uma transformação diretamente proporcional à complexidade do cérebro, estreitando a relação entre o Eu, sentimento de si mesmo e as funções da pele.

Para o psicanalista é a pele que transforma o organismo em um sistema sensível capaz de experimentar diferentes tipos de sensações. Toda a atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica. A pele não é apenas órgão dos sentidos diz ele, pois preenche outras funções biológicas como: respira e perspira; secreta e elimina; mantém o tônus;

estimula a respiração, a circulação, a excreção, a digestão e a reprodução; e, participa da função metabólica.

Ao lado destas funções sensoriais específicas e de auxiliar os diversos aparelhos orgânicos a pele preenche uma série de funções essenciais em relação ao corpo vivo, como: manutenção do corpo em torno do esqueleto e de sua verticalidade; proteção (por sua camada córnea superficial, seu verniz de queratina, por seus coxins de gordura) contra as agressões exteriores, captação e transmissão de excitações ou de informações uteis.

A seguir Anzieu (2000) discorre sobre a epiderme mental a relacionando, diretamente, as funções da epiderme física.

- a) Tanto a pele desempenha a função de sustentação do esqueleto e dos músculos quanto o Eu-pele a de manutenção do psiquismo.
- b) A pele recobre a superfície inteira do corpo, na qual estão inseridos todos os órgãos dos sentidos externos, assim como o *handling* materno possibilita a função continente, o envelope psíquico Eu-pele.
- c) A camada superficial da epiderme protege a camada sensível e o organismo em geral, das agressões físicas, as radiações e os excessos de estímulos. Inicialmente, é a mãe quem tem a função de para-excitação para o bebê, até que ele possa ir se apropriando e atualizando a função em suas relações afetivas com o meio.
- d) A membrana das células orgânicas protege a individualidade da célula diferenciando os corpos estranhos, aos quais recusa o acesso, das substâncias similares ou complementares as quais ela permite a admissão ou associação. Por sua vez, o Eu-pele, assegura uma função de individuação do self que lhe traz o sentimento de ser único.
- e) A pele é uma superfície portadora de bolsos e de cavidades onde estão alojados os órgãos dos sentidos com exceção do tato (inserido na epiderme). O Eu-pele é uma superfície psíquica

que liga as sensações de diversas naturezas entre si e as faz destacar como figuras sobre esse fundo originário que é o envelope tátil: pele, representação imaginária, como tela de fundo. A função de intersensorialidade do Eu-pele leva a formação de um senso comum, cuja base se faz sempre ao tato.

- f) Eu-pele capta sobre toda sua superfície o investimento libidinal e se torna um envelope de excitação sexual global, sustentação da excitação sexual. Os contatos pele a pele localizados em certas zonas erécteis ou orifícios, onde a epiderme está adelgada e o contato é direto com a mucosa, produzem uma superexcitação.
- g) A pele como superfície de estimulação permanente do tônus sensorio-motor pelas excitações externas responde à função do Eu-pele de recarga libidinal de funcionamento psíquico, de manutenção da tensão energética interna e de sua repartição desigual entre os subsistemas psíquicos.
- h) A pele com os órgãos dos sentidos táteis (tato, dor, calor/frio, sensibilidade dermatópica) fornece informações diretas sobre o mundo exterior, assim como o Eu-pele inscreve os traços sensorios táteis enviando uma imagem da realidade em espelho. Esta função se desenvolve por duplo apoio: biológico (realidade se imprime sobre a pele) e social (marcas do grupo social, cultural).
- i) A pele, quando danificada. O organismo não reconhece um corpo estranho e dirige contra si próprio a reação imunológica desenvolvendo as doenças autoimunes. O psiquismo não diferencia o si mesmo do não si mesmo, ataca o primeiro como se fosse um corpo estranho, a serviço da pulsão de morte, doenças limítrofes.

Portanto, pautado nessas funções se configura o Eu-pele, envelope psíquico – representação de que se serve o Eu nas fases precoces do desenvolvimento para representar o si mesmo enquanto Eu no decorrer da vida – resultante da interinfluência experiencial de sensibilidade junto à epiderme do corpo. Essa pele protetora e de filtragem sonora, olfativa, gustativa, visual e tátil irá constituir o eu pele (proteção identitária,

triagem dentro e fora), o eu pensamento (espaço psíquico para pensar/simbolizar), a subjetividade.

A pele é o envelope do corpo assim como a consciência envelopa o psiquismo. Consciência no sentido ser capaz de pensar sobre o que pensa, capaz de limitar, conter e proteger o eu construído na interface, como a própria pele e suas funções.

Portanto, diz Anzieu (2002) todo pensamento é pensamento do corpo próprio e dos outros corpos. O pensar procura reunir estes pensamentos em um corpo de pensamentos. O inconsciente é o corpo.

Para o autor, ao final do século XX a situação dos países ocidentais e, talvez de toda a humanidade resumia-se na falta de limites: expansão demográfica; corrida aos armamentos; explosões nucleares; aceleração da história; insaciável consumo; distanciamento entre os países ricos e do terceiro mundo; gigantismo dos projetos científicos e dos empreendimentos econômicos e invasão da esfera privada pelos meios de comunicação de massa. Anzieu (2000) denuncia assim, a falta de limites não só das relações humanas nas diversas áreas de uma sociedade como também a falta de limites e diferenciação entre o eu e o outro, expressão também do dano à pele psíquica do sujeito contemporâneo.

Portanto, podemos dizer não ser mais os poros que permitem as trocas entre o interno e o externo, mas rombos na epiderme mental que levam o eu a perder-se na imensidão social ou a ser invadido pelo desmedido outro (GRIGOLETTI, 2016). Nunca foi tão necessário o “não” consciente ao outro, para a necessária manutenção da barreira/pele protetora e auto regulatória do Eu identitário pós-moderno.

Após a riqueza do pensar de Anzieu, certamente, o leitor está mais embasado para questionar: o que o ser humano perdeu na Modernidade? Para onde vai a humanidade Pós-moderna sem sua adequada e necessária pele física e psíquica?

## Contexto contemporâneo

Na Modernidade, início séc. XVI, auge séc. XIX e crise séc. XX, os indivíduos acreditavam que a transformação do mundo seria através da ciência: onde a racionalidade a simetria, a organização e o determinismo causa-efeito atenderiam as inquietações humanas. Na Pós-modernidade, séc. XXI, houve a consciência do fracasso das utopias prometidas pela Modernidade.

O indivíduo depara-se com sua transformação em matéria, mercadoria descartável, ele é o estilo de vida que leva (marca de carro, roupa que usa etc.). Sua personalidade, traumas e memória não significam nada. Ele depara-se com o vazio existencial, o vazio de sentido.

O tempo e o espaço real podem transformar-se, virtualmente, em milésimos de segundos. As constantes metamorfoses da época, acompanhadas de sua valoração efêmera e inseguranças vividas pelo ser contemporâneo nos reporta ao sociólogo Bauman (1998) ao referir-se a caminharmos, constantemente, sobre a areia movediça ou estarmos atravessando a era do inverno (sem referências identitárias, tudo é válido, tudo pode ser/ter) e a camada de gelo sob nossos pés é fina para se andar devagar. Se pararmos ela trinca. A ordem é não parar para pensar. É o transitar constante e intenso no espaço (real/virtual) que dá a sensação de estarmos vivos.

O referido autor (2014) nos alerta ainda sobre um sujeito pós-moderno que perdeu sua sensibilidade. Fazendo parte do cotidiano a violência deixa de provocar surpresa ou repulsa. Ela cresce internamente, desbordando o Eu. Sendo maior do que o Eu, ela é irreal (é virtual), pois o real é somente o que o Eu experimenta. Estando desconectado de si, anestesiado, o Eu não reage diante dela, pois ela está dentro do Eu, perdendo a conexão consigo e a empatia com o sofrimento alheio. Ter a massa na própria alma leva o Eu a se ampliar nos demais Eus, reação narcísica à despersonalização. A liberdade tão almejada torna-se um problema relacional Eu-isso. O valor de algo ou alguém tem certificado de validade por horas, às vezes segundos, não mais do que isto. Não existe perspectiva: o tempo, o amanhã. Somente o fugaz vale.

Como se pode constatar há muitas mudanças no mundo: transsubjetivas, intra e intersubjetivas. Há uma mudança de paradigma na Pós-modernidade.

Mais do que explicar, hoje descrevemos o relacional entre as partes de um todo, constituindo a sensibilidade do contemporâneo. Aquela sensibilidade um dia perdida na Modernidade, mas hoje tendente a ser resgatada, numa linguagem muito própria Pós-moderna (GRIGOLETTI, 2013).

Partindo deste ângulo relacional e da regressão do humano a etapas mais precoces do desenvolvimento, cabe considerar também as crianças e atéos bebês de hoje porta voz do adulto e de sua época. Sendo revelador o alto índice daquelas diagnosticadas ou pseudodiagnosticadas como autistas, hiperativas ou com comportamentos agressivos e sem limites ou, com distúrbios funcionais, evidenciando capacidades autorregulatórias deficientes (sono, alimentação, esfínteres, respiração e de pele).

Considerando e parafraseando Winnicott (2000): *um bebê só não existe*, podemos entender os distúrbios dos pequenos sujeitos. Estando o cuidador contemporâneo com sua sensibilidade prejudicada e distanciada do sentimento de si mesmo, psiquismo anestesiado, como poderá relacionar-se com um ser em início de desenvolvimento? Tanto aquelas crianças e bebês corretamente diagnosticados, quanto os equivocadamente com tal resultado, retratam a mente grupal adulta marcada pela perda de sentidos no que se refere à percepção e a falta de sentidos enquanto significado. O ser humano é ser de interação. Não se desenvolve, adequadamente, em especial nos estágios iniciais, sem a proteção/pele necessária do outro.

O quanto devemos também considerar o alto índice de psiquismos na adolescência marcados pelo funcionamento limítrofe, mais especificamente, borderline, com tendências ou êxito suicida?

Como o adulto poderá sintonizar com o outro se ele próprio está com falta de sintonia com sua percepção, seus cinco sentidos danificados?

Antes de adentrar na conclusão, propriamente dita, saliento que por estar em pleno séc. XXI minha visão exotópica (BAHKTIN, 1997b) permite, em parte, um olhar de fora do tumulto da crise da pós-modernidade. Por um lado, esse é um lugar (tempo X espaço) mais confortável para o olhar panorâmico, por outro, com muitas reflexões e angústias frente à dimensão temporal em kronos, o amanhã, e com a única certeza no microkairos da vida, eu, aqui, agora, neste instante pensando e escrevendo a um suposto leitor.

## **Conclusão**

Considero as obras dos dois autores referidos importante porta voz de um momento e lugar social e, intercultural de seres humanos do séc. XX e, de projeções da Pós-Modernidade no séc. XXI.

Entendo que o trabalho de Von Hanges se desenvolve acompanhado de sentimentos ambivalentes por, além de desvendar tabus, ou por isso mesmo, expõe o ser humano diante de um espelho. Como bem argumenta Anzieu (2000): a pele é o espelho da alma. Portanto, Hanges coloca o ser humano diante de sua própria pele, ou não-pele, ou pele danificada. Numa linguagem que antecede a palavra, portanto, mais primitiva, o escultor, comunica por imagem, em que se tornou hoje, o ser humano. Desvenda o sofrimento não possível de traduzir em palavras, o que está no pré-consciente do psiquismo social.

O próprio título, Mais além de tua pele coloca o ser humano frente a frente tanto à perda de sua proteção – os estímulos da época o invadem dia a dia, momento a momento – e de sua sensibilidade – distanciou-se de si mesmo e do outro; quanto de sua incapacidade de traduzir as demandas de seu próprio corpo e de interiorizar e se autorregular, necessitando sustentar seu psiquismo nas identificações adesivas e ter como companhia o sentimento de vazio e significado em sua vida.

Essa ferida narcísica que se apresenta no contemporâneo é referida por Anzieu (2000; 2002) ao destacar as doenças psíquicas marcadas por



estados limites (falta de), como personalidades narcísicas (eu-eu). Bakhtin (1997a) em seu tempo e época destaca como fundamental para o ser humano, o encontro com o Outro, o colocar-se no lugar do outro. Com exceções destaca também ele os narcisistas, indivíduos em que o eu é vivido somente por dentro, não tendo ou não sendo possível expressar-se externamente.

Portanto, tudo indica que a identidade contemporânea demanda um retorno do psiquismo às origens do desenvolvimento. As limitações para mentalizar, isto é, dificuldade para simbolizar, pensar sobre o que se pensa, leva o sujeito a comportamentos operatórios, não passível de simbolizar pela palavra, retornando ao corpo, seu ego primitivo, como quando e por onde inicialmente o bebê expressa seus sofrimentos.

Cabe aqui lembrar que Von Hanges não poupou o ser humano de estar frente a frente tanto com os danos a pele, como também com os órgãos dos sentidos adoecidos; e indiretamente, com o corpo enquanto mercadoria podendo ser contrabandeada ou legal.

Os danos à epiderme psíquica do adulto (Anzieu) veem acompanhados por danos à epiderme orgânica (Von Hagens), prevalecendo à pulsão de morte sobre a de vida. Doenças como o câncer de pele e de outros órgãos do corpo e, a AIDS, ou as precárias e catastróficas condições de vida como a desnutrição e o stress por danos ambientais e êxodos de inúmeros grupos étnicos, tem desafiado cientistas e representantes sócio-políticos para a questão do total desamparo humano.

Assim, podemos dizer que as obras dos dois artistas expressam a identidade-cultura que carrega o idem, o igual, mas também a entidade-ser em constante transformação: o tempo, o instante, e o espaço constituem as novas identidades. A pós-modernidade joga o ser humano num paradoxo: ser, capaz de viver de um lado a miséria psicológica com suas novas patologias produto de uma cultura que vampiriza seus membros e, de outro, viver processos psicológicos criativos, formas de ser que podem integrar o si mesmo no aqui, agora.

É nesse espaço de transição entre a negação e o impacto da consciência frente a arte delatora, nessa vivência da *differancé* (DERRIDA, 2006)<sup>5</sup> que o ser humano pode se descobrir capaz de viver, de ser capaz de utilizar e desenvolver suas funções de pensar e, de traduzir e transitar entre diferentes fases da vida, épocas e culturas. Assim, capacitando e flexibilizando sua fronteira-pele identitária.

As interinfluências e o hiato vivido na passagem dão o sentido. É no hiato, não no depois, que a identidade se *co constrói*. É na passagem, na transição, na possibilidade de viver o vazio, é na dinâmica em si, não mais no visível e concreto, mas no obscuro do presente e do amanhã que o sentido se encontra. .

É inevitável neste momento referir o psicanalista Bion (1970) ao entender o homem como um ser de passagem, capaz de travessias, capaz de morrer e renascer, mudar mundos, viver mudanças catastróficas<sup>6</sup>, buscar novas ancoragens em si mesmo, fazer acontecer vários nascimentos em uma única vida humana.

É este ser criador e ao mesmo tempo criatura de sua própria obra, sentimento de si mesmo, que o ser humano hoje tem a possibilidade de ver-se mais consciente e responsável por seu destino: o aqui, o agora e o amanhã. Mais consciente de suas atitudes e das interinfluências que gera e sofre na inter-relação junto ao outro e ao mundo. É o modo inédito de propor essa relação o que constitui a sensibilidade contemporânea, na Pós-modernidade.

A pele protege o corpo assim como a consciência ética (pensar sobre o que se pensa, limitar/delimitar e conter o eu sobre os danos às “defesas imunológicas”) pode proteger o ser humano da destrutividade identitária contemporânea.

---

<sup>5</sup> Não é o mesmo que diferença. Sempre há, entre o conhecido e o desconhecido, o hiato, o caos, o vazio, nunca um ajuste completo. Exigindo do homem uma nova estratégia de sobrevivência.

<sup>6</sup> Mudança que rompe com o estabelecido, subvertendo um sistema de organização, despertando sentimento de desastre por aparecer de forma violenta. Ela é gerada por um sujeito que por ser ele transmissor de ideias novas constitui uma ameaça ao grupo.

Portanto, as obras destes dois artistas, o escultor e o escritor, revelam e desvelam a interdependência entre mente, corpo e ambiente, necessária na constituição do Eu-pele. Revelam um novo paradigma para o ser humano assimilar em seu processo identitário, evolutivo e histórico: voltar-se para si próprio indissociável de seu habitat é a estratégia da hora. Mas não um voltar-se hedonista, mas de sensibilização dos sentidos de seu eu-pele; não só no nível inconsciente ou pré-consciente e num passado como bem nos ensinou Freud (1976), mas num nível também consciente e de compromisso ético no aqui/agora, diante de si, do Outro e do ambiente que o circunda.

E assim o ser humano deixa sua assinatura, no seu eu-pele contemporâneo.

## Referências

- ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O pensar. Do eu-pele ao eu-pensante*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 a.
- \_\_\_\_\_. *Hacia una filosofia del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Barcelona: Anthropos, 1997b.
- BAUMAN, Z. *Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BION, W. O continente e o contido In: *A atenção e a interpretação em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- DERRIDA, J. *Torres de babel*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- FARINA, C. Reedições na pós-modernidade. Palestra realizada na Sociedade Psicanalítica de Pelotas. Junho 2012.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Vol. XVIII, (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. O Moisés de Michelangelo. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Totem e tabu e outros trabalhos (1913)*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1970 a
- \_\_\_\_\_. O interesse da Psicanálise para as ciências não-psicológicas. In: *Obras completas de Sigmund Freud. Totem e tabu e outros trabalhos (1913)*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1970 b.

GRIGOLETTI, L.V. Comunicado. Mas allá de tu piel..In:XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Ser contemporâneo: medo e paixão, MG; 2013.

\_\_\_\_\_. *A pele psíquica e o olhar*. Palestra realizada na Universidade do Bebê Sul, Pelotas, 2016.

MARONI, A. *Eros na passagem*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

REBOLLO, R.A. *De humani corporis circus" de Gunther Von Hagens*. *Scientle studia* vol.1 no.1 São Paulo Mar. 2003; <http://www.scielo.br/pdf/ss/v1n1/a09v1n1.pdf>.

RIVIÉRE, P. *Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHUTZE, M. *Human Bodies. Maravilhas do corpo humano*. Minas Gerais: Ed. FAPI Ltda, 2013.

WINNICOTT, D. A mente e sua relação com o psicossoma. In: *Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.